



por Leonardo Arruda, Cecília Chagas de Mesquita e Francisco dos Santos Lourenço

Jaime L. Benchimol

Pesquisador e professor da Casa de Oswaldo Cruz

Sobre a trajetória

Sobre o trabalho no Arquivo da Cidade

Sobre o curso de restauração de monumentos

Sobre a estadia na Itália

Sobre o regresso ao Brasil

Projeto arquivo vivo – Museu da Imagem e do Som

Sobre a Casa de Oswaldo Cruz

Projetos atuais

Sobre a trajetória

Não sei se ‘escolha’ é a palavra adequada. Acho que a minha trajetória, como a de qualquer um, é uma resultante de um jogo de forças onde pesam o acaso, as circunstâncias, a necessidade e sei lá mais o que. O ingresso no Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, que, na época, funcionava na COPPE (meu diploma, pasmem, é de engenheiro de produção!), foi decorrência do engajamento em trabalho desenvolvido em favelas do Rio de Janeiro e do fascínio que se tinha, então, pelos chamados movimentos sociais urbanos. Meu desejo, inicialmente, era estudar um enorme quebra-quebra que tinha ocorrido na Baixada Fluminense nos anos 1960, pouco tempo antes do golpe. Isso resultou num artigo publicado em Versus, em colaboração com o amigo querido, Frederico de Araújo. Vocês lembram deste jornal de política, cultura e idéias que a Congregação Socialista editava? Fred, eu e outros amigos da COPPE estávamos também fascinados pela história da Fábrica Nacional de Motores e da região circundante, especialmente a peculiar conjunção de movimento operário e camponês que se havia dado ali. Nessa época, consegui minha alforria da escola municipal em que dava aula, num cafundó-do-judas, e fui transferido para o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro onde transcorrerá minha primeira experiência em pesquisa, anos antes. Não me lembro se já havia concluído a graduação em história na UFF. Eu fora um dos ajudantes de pesquisa recrutados para um projeto sobre história da agricultura no Brasil, projeto ambicioso desenvolvido nos anos 1970 no âmbito do curso de Mestrado em Desenvolvimento Agrícola da Escola Interamericana de Administração Pública (Fundação Getúlio Vargas). Funcionava num prédio bonito que ainda existe no alto do Jardim Botânico, no bairro do Horto. Falava-se muito, então, em história serial, em métodos quantitativos. Vinculei-me a uma das linhas de pesquisa daquele grande projeto, coordenada pela professora Maria Yedda Linhares, que deu origem aos livros, de sua autoria, História do abastecimento: uma problemática em questão (1530-1918) e História política do abastecimento (1918-1974).

A Fábrica Nacional de Motores, idealizada desde 1949 pelo Gal. Guedes Muniz e construída ao longo da Segunda Guerra, foi um empreendimento inicialmente planejado para suprir a então incipiente indústria aeronáutica nacional e a FAB. Em 1949, passou para o controle de uma empresa italiana, priorizando a produção de caminhões.

[voltar]

Sobre o trabalho no Arquivo da Cidade

Garoto, ainda, sem nenhuma experiência em pesquisa, fui mandado ao Arquivo da Cidade, que funcionava em São Cristóvão graças ao labor intuitivo de antigos motorneiros de bonde, postos naquele limbo após a extinção deste meio de transporte no Rio de Janeiro. Até hoje sou capaz de reviver o sentimento quase reverencial que me inspiraram aqueles papéis velhos concernentes a açougues, a mercados, a marchantes de carnes verdes e às lutas que se tinham travado por causa do monopólio sobre aquele gênero alimentício. Pois então, anos depois, professor de história da rede municipal, consegui que me transferissem para o arquivo que já funcionava na Cidade Nova, naquele prédio que parece o cofre do tio Patinhas. Tinha uma estrutura mais profissionalizada, graças ao trabalho do saudoso Afonso Carlos Marques dos Santos, seu diretor, mas os consulentes do arquivo e nós, historiadores recém-engajados para dar-lhe um pouco de lustre, ainda dependíamos, para localizar livros e cófides, de seu João. Ex-motorneiro de bonde, inteligente, com um coração de ouro, conhecia aquele acervo como ninguém, e foi sob sua direção segura que descobri os tesouros que havia ali. Terminava o expediente e eu ficava até mais tarde lendo documentos centenários, requerimentos, projetos de postura, queixas, ofícios que faziam reluzir, em minha imaginação, fragmentos de uma vida urbana extinta, mas fascinante. Deixei de lado os quebra-quebras, toda aquela sociologia pesada de Manuel Castells, Jean Lojkine, e mergulhei de cabeça no Rio de Janeiro de Pereira Passos e meus bisavós, e na literatura muito mais gostosa dos viajantes, de Noronha Santos, Luís Edmundo, Lima Barreto... Minha dissertação de mestrado, Pereira Passos: um Haussmann tropical?, foi o passaporte para o curso de especialização que fiz na Itália, em restauração de monumentos. Dei uma sorte danada!

Afonso Carlos Marques dos Santos foi professor titular da área de Teoria e Metodologia da História da UFRJ. Também atuou nos departamentos de História da UFF, da UERJ e da PUC-Rio. Presidente da Associação Nacional de História, entre 1991 e 1993, faleceu em 2 de maio de 2004.

BENCHIMOL, Jaime L. Pereira Passos: um Haussmann tropical? Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.



[voltar]

Sobre o curso de restauração de monumentos

Devo esta viagem a Giovanna del Brenna, arquiteta italiana que trabalhava na PUC com a história do Rio de Janeiro, uma cidade que ela amava sinceramente. Simpática, efusiva, convidou-me a apresentar minha pesquisa ainda em andamento num curso por ela organizado numa galeria de arte em Botafogo. Foi ainda Giovanna quem me apresentou ao adido cultural do consulado italiano, sujeito legal que chegou a freqüentar algumas das festas que tiveram lugar na casa onde eu morava, com três amigos, no alto do Cosme Velho. Era uma casa linda, à margem da ferrovia por onde sobe o trem do Corcovado. Tinha uma platibanda onde nos sentávamos ao entardecer, muitas vezes de óculos escuros para nos protegermos dos olhos injetados, que se enchiam das cores que aqueles crepúsculos iam apagando enquanto a gente conversava sobre PT, conjuntura política, amigos, trabalho, namoradas e sobre quem ia descer a ingreme perambeira para comprar pão, café e cigarros. A platibanda contornava uma sala envidraçada onde eu mourejava nos capítulos de minha dissertação de mestrado. Foi lá que um dia tive o crânio perfurado pela súbita realização de que me traía a minha namorada, uma argentina linda de quem nunca mais tive notícias. Meu mundo desabou, e com ele, Pereira Passos, de quem me afastei por vários meses, enquanto tentava me transformar numa pessoa muito diferente daquela que eu não queria mais ser. Só não queimei todos os meus livros porque Paulinho, meu irmão Paulo Brandi, não deixou. Nos intervalos das aulas que dava num colégio da rede estadual, do expediente no arquivo, dos verbetes e textos que traduzia, tentei aprender diversas coisas novas. Dessas experiências, a única que ficou foi a cerâmica, que ainda pratico, com regularidade, nas escassas horas vagas. Aos poucos, fui me reaproximando da dissertação de mestrado, e quando dava os últimos retoques nela, caiu-me sobre o colo o convite para o Curso di Restauro dei Monumenti, com todas as despesas pagas pelo Ministério das Relações Exteriores da Itália. Tinha acabado de conhecer uma garota maravilhosa, Sônia Aparecida Nogueira, morena de cabelos negros compridos, uns olhos enormes, expressivos, que me engoliram por inteiro. Sem hesitar, convidei-a a viajar comigo. Uma semana depois, no dia mesmo em que defendi minha dissertação, embarquei rumo ao desconhecido com aquela desconhecida que viria a ser minha mulher por mais de vinte anos, e a mãe de minha filha, a coisa mais importante que já produzi até hoje.

“(...) no dia mesmo em que defendi minha dissertação, embarquei rumo ao desconhecido com aquela desconhecida que viria a ser minha mulher por mais de vinte anos, e a mãe de minha filha, a coisa mais importante que já produzi até hoje”.

[voltar]

Sobre a estadia na Itália

O curso era para ‘inglês ver’. Era, na verdade, uma alavanca para bons negócios ligados a patrimônio histórico — uma indústria poderosa na Itália. Durante quase um semestre convivi com uma multidão de alunos originários de todos os quadrantes do mundo, uma babel de tipos e idiomas. Lotávamos o auditório de um prédio em Florença, onde ressoavam as preleções em italiano, para a maioria daquela gente, incompreensíveis, dadas pelos professores, sobretudo o regente do curso, um sujeito com ares aristocráticos que se sentava num palco sempre com roupas escuras, gola roíe, um galgo a seus pés, tendo a seu lado, ou sempre por perto, um tipinho puxa-saco que tangia aquele rebanho confuso de estrangeiros para um lado e para o outro. O grande barato do curso eram as viagens que fazíamos a cidades com monumentos históricos relevantes — e é difícil apontar uma, na Itália, que não os tenha.

Bem, a bolsa era reduzida, quase não dava para minha namorada e eu. Quantas vitrines não lambemos com os olhos, e quantos pratos fumegantes, em mesas alheias, não saboreamos com o olfato! A gente precisava de grana, até para viajar um pouco depois que terminasse o curso. Sônia era — e é — habilidíssima. Levava uns lenços que havia bordado, lenços lindos, e tentava, sem sucesso, vendê-los; eu levei uns móveis que havia feito com balsa e papel de seda — eram umas pipas em miniatura, coloridas, com rabiola e tudo, que ficavam esvoaçando sob uma armação de madeira. Numa de minhas tentativas de colocá-las à venda entrei, por acaso, na oficina de um sujeito que fabricava pipas decorativas para pendurar na parede. Exportava aquilo para a Europa inteira. Desde então, e não lembro por quantas semanas, a casa onde morávamos, Sônia, eu, um gaúcho muito legal que tínhamos conhecido lá e, creio, uma equatoriana chamada Olga, transformou-se em laboriosa fábrica de pipas que uma Fiorino vinha periodicamente recolher. Com o dinheiro assim auferido eu para viajar um pouco depois que terminou o curso. Eu parti logo ao encontro de uns velhos amigos que estavam estudando em Paris. Sônia instalou-se numa cidadezinha à beira-mar para trabalhar mais uma temporada numa pizzaria, emprego que aquele gaúcho legal conseguira para ela. Para mim, conseguiu um hotel, mas eu preferi ver logo novas paisagens. Lembro-me que levei Sônia à tal cidadezinha, posicionei-me à beira da estrada, ergui o dedo e, sem dificuldade, consegui duas ou três caronas que me deixaram em Veneza, ao cabo de um dia de viagem. Que aventura isso representou para mim! Já à medida que me afastava, ia me invadindo uma apreensão danada de relação Sônia e ao gaúcho na tal cidadezinha cujo nome esqueci. Cheguei em Veneza e, na mesma hora, apontei o dedo na direção contrária... Na manhã seguinte, estava de volta ao ponto de partida. Fiz juras de amor à minha namorada, tive uma conversa séria com o gaúcho, de homem para homem, voltei à estrada e zum... de dedo em dedo, regressei a Veneza e iniciei, de fato, a linda viagem pela Suíça, França, até convergir, mês e meio depois, com Sônia em Barcelona. Percorremos o sul da Espanha de trem, com a barraquinha que já tínhamos usado para acampar no sul da Itália. Eu ia lendo Dom Quixote de la Mancha e as Novelas Exemplares, e povoando aquelas paisagens que passavam céleres pela janela do trem com os personagens de Cervantes.

“(...) na Itália (...) a bolsa era reduzida, quase não dava para minha namorada e eu. Quantas vitrines não lambemos com os olhos, e quantos pratos fumegantes, em mesas alheias, não saboreamos com o olfato”.

[voltar]

Sobre o regresso ao Brasil

O dinheiro acabou antes de alcançarmos Portugal, nossa meta e, então, regressamos ao Brasil. Se não me falha a memória, voltei a dar aula no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, e, no tocante à matrícula do município, obtive colocação num núcleo que iniciava a edição da Biblioteca Carioca, no âmbito da qual sairiam publicados os livros de Oswaldo Porto Rocha e Lia Aquino sobre habitações populares no Rio de Janeiro; o de Sérgio Lamarão sobre a história da zona portuária e minha própria dissertação de mestrado, entre muitos outros títulos. Foi uma coleção bem-sucedida, pobre, apenas, de distribuição, como todos os empreendimentos editoriais do Estado. Posso estar enganado, mas acho que Afonso Carlos era, então secretário de Cultura num governo do PDT. Obtive em seguida transferência para o Departamento Geral de Patrimônio Cultural, onde desenvolvi uma pesquisa sobre a história do bairro de São Cristóvão, que resultou em relatório, transformado depois em livro por Nair Klingler, na Coleção Bairros Cariocas. Nesse mesmo período, trabalhei como pesquisador num projeto de pesquisa coordenado por Regina Cele de Andrade Bodstein, na Escola Nacional de Saúde Pública (Fiocruz). Versava sobre a história da luta contra o câncer no Brasil, história que nos obrigava a freqüentar a biblioteca do Instituto Nacional do Câncer situada, justamente, no andar do pavilhão de cabeça e pescoço. Brrrr! Tremo só de lembrar as cenas com que nos deparávamos ali.

[voltar]

Projeto arquivo vivo – Museu da Imagem e do Som

Estou em meados dos anos 1980, período em que mantive uma parceria maravilhosa com Oswaldo Porto Rocha no tocante à história do Rio de Janeiro. Eu o havia conhecido à época em que trabalhava no Arquivo da Cidade, em lados contrários do balcão, ele consulente, eu atendendo, ambos fascinados pelos mesmos temas de pesquisa. Ficamos muito amigos, defendemos e publicamos nossas respectivas dissertações de mestrado e, juntos, demos quantidade considerável de palestras e cursos sobre a história desta cidade no Arquivo, no Museu da Imagem e do Som, no Museu Histórico Nacional e onde quer que nos chamassem. Foi então que atuamos no projeto Arquivo Vivo, no MIS: consistia em colher depoimentos de engenheiros e outros personagens que houvessem sido testemunhas ou protagonistas de episódios importantes para a história da cidade, em auditório e na presença de pessoas conhecidas dos entrevistados, com direito a participar do colóquio de perguntas e respostas gravadas e arquivadas pelo Museu. Oswaldo fotografava, com filme a participar do colóquio àquelas instituições, formamos diversas malas de slides para usar em nossos cursos. Quero deixar assinado aqui que as primeiras aulas ao vivo, deambulando por ruas, praças e igrejas do centro, por becos da Saúde, foram dadas por nós, antes de virarem negócio muito bem azetado por iniciativa de um rapaz que se tornou, a justo título, especialista em Rio antigo, tempos depois de freqüentar um curso que demos na MIS. Oswaldo foi um dos sujeitos mais generosos que conheci. Era fascinado pela história de nossa cidade, de uma maneira visceral, digna de um Luís Edmundo. Falecido prematuramente, deixou muitos amigos que até hoje sentem, com dor, sua falta.

O Museu da Imagem e do Som (MIS) foi inaugurado em 3 de setembro de 1965 pelo então governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, como parte das comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro. O MIS lançou um gênero pioneiro de museu audiovisual que seria seguido por outras capitais e cidades brasileiras, além de ter se constituído num centro cultural de vanguarda nas décadas de 1960 e 1970.

[voltar]

Sobre a Casa de Oswaldo Cruz

Em janeiro de 1986, Paulo Gadelha convidou-me para trabalhar na Casa de Oswaldo Cruz, que começava a ser formada, sob sua direção segura, no âmbito da Fundação Oswaldo Cruz, em momento de grande renovação desta por obra, coragem e clarividência do sanitarista Sérgio Arouca, outro que a inominável levou antes do tempo.

A Casa, que ainda é minha ‘casa’, tornou-se meu verdadeiro e definitivo emprego. Até então, havia me dedicado a numerosas atividades, mas sempre me sentindo free lancer nelas. Adoro o trabalho de pesquisa, e tive o privilégio de ser acolhido por uma instituição que a valoriza muito, instituição riquíssima onde se tem a oportunidade de conviver e aprender com as mais diversas ‘tribos’ no vasto território das ciências da vida, inclusive a dos homens em sociedade uns com outros e em complexas e nem sempre benéficas relações com outras criaturas. Ênfase a palavra ‘privilégio’ para fazer justiça às levas posteriores de historiadores jovens e talentosos que deram o melhor de si durante o tempo de vigência de suas bolsas, sem encontrar as facilidades de ingresso na carreira que a minha geração teve.

Repetindo, em certa medida, a trajetória da instituição criada por Oswaldo Cruz, a Casa que leva seu nome foi, por bom tempo, um cadinho de iniciativas voltadas para o desbravamento da pesquisa, da recuperação do patrimônio arquitetônico, da criação de acervos documentais, atividades museológicas e produtos editoriais. Todos os que então ali trabalhavam faziam um pouco de tudo, e isso, para mim, foi uma experiência muito enriquecedora, que me levou a amadurecer diversas habilidades desenvolvidas anteriormente de forma descontínua. Com o tempo, a Casa foi se ‘departamentalizando’ e os papéis especializaram-se, e as hierarquias e compartimentos sedimentaram-se, e assim patamar de muito maior maturidade institucional, que, no entanto, traz consigo seqüelas que os mais cínicos dizem ser inevitáveis em ambientes acadêmicos, e os mais céticos, inerentes à natureza humana.

No começo, éramos um corpo estranho na Fundação Oswaldo Cruz. Para ser fiel ao vocabulário do lugar, diria que éramos como ‘antígenos’ e despertávamos fortes reações imunológicas em boa parte daquele corpo que eu usurpava de espaços e verbas escassos. Para os cientistas de Manguinhos, o papel da história era apenas confeitar seus bolsos retóricos ou as gloriosas biografias de seus pares defuntos. Isso mudou por força da produção do coletivo a que eu pertencço.

Os primeiros trabalhos de pesquisa que realizei na Casa de Oswaldo Cruz dizem respeito à própria instituição: participei das primeiras entrevistas com seus cientistas e técnicos, da criação do álbum fotográfico A ciência a caminho da roça e do livroinhos do sonho à vida: a ciência na belle époque, aproximando-me, cada vez mais, sobretudo com este último livro, de personagens e processos que constituíam, por assim dizer, a outra face de uma moeda intensamente lavrada em fase anterior de minha vida profissional. Migrei dos processos urbanísticos aos sanitários, sem abandonar o interesse pelos espaços e pela arquitetura. Por bom tempo, senti forte atração pela história das instituições biomédicas que tinham florescido, grosso modo, naquela mesma conjuntura histórica em que se movera Pereira Passos, e desse interesse resultou, também, Cobras, lagartos e outros bichos. Uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan. A gente, quando não anda em círculos, viaja numa espiral, e o afastamento seguinte em torno de meu ponto fixo foi a febre amarela, tema de minha tese de doutorado, de que gosto muito, apesar de suas imperfeições. Os trabalhos anteriores, não obstante requeressem a progressiva familiaridade com novo tipo de literatura e de fontes, foram fabricados com ferramentas conceituais não muito diferentes daqueles empregadas à época de Pereira Passos e da história do Rio de Janeiro. Permanecia a ênfase em processos econômicos, políticos e sociais mais abrangentes para dar sentido às trajetórias das instituições biomédicas, mas a natureza dos trabalhos que seus integrantes desenvolviam, sobretudo no terreno da pesquisa, continuava difícil de penetrar. Minhas histórias eram de cunho mais ‘externalista’, para usar uma oposição em voga na época. Em Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil, acho que consegui superar esta dicotomia, assenhoreando-me dos problemas que meus personagens procuravam resolver, das soluções que deram a estes problemas, sem perder de vista o econômico, o político e o social, sobretudo na refletir sobre as implicações práticas das soluções dadas. A atenção às controvérsias científicas, valorizadas por Bruno Latour e outros modernos sociólogos da ciência, mostrou-se de grande valia para resolver a contradição entre ‘interno’ e ‘externo’. Claro que ajudou muito a familiaridade a duras penas adquirida com a linguagem dos bacteriologistas, médicos e sanitaristas — e esta é, a meu ver, uma condição sine qua non para o exercício objetivo da história das ciências: a sincera vontade e a curiosidade de aprender o idioma que falam os personagens que são o ‘objeto’ de nosso trabalho historiográfico.

Repetindo, em certa medida, a trajetória da instituição criada por Oswaldo Cruz, a Casa que leva seu nome foi, por bom tempo, um cadinho de iniciativas voltadas para o desbravamento da pesquisa, da recuperação do patrimônio arquitetônico, da criação de acervos documentais, atividades museológicas e produtos editoriais. Todos os que então ali trabalhavam faziam um pouco de tudo, e isso, para mim, foi uma experiência muito enriquecedora, que me levou a amadurecer diversas habilidades desenvolvidas anteriormente de forma descontínua. Com o tempo, a Casa foi se ‘departamentalizando’ e os papéis especializaram-se, e as hierarquias e compartimentos sedimentaram-se, e assim patamar de muito maior maturidade institucional, que, no entanto, traz consigo seqüelas que os mais cínicos dizem ser inevitáveis em ambientes acadêmicos, e os mais céticos, inerentes à natureza humana.

No começo, éramos um corpo estranho na Fundação Oswaldo Cruz. Para ser fiel ao vocabulário do lugar, diria que éramos como ‘antígenos’ e despertávamos fortes reações imunológicas em boa parte daquele corpo que eu usurpava de espaços e verbas escassos. Para os cientistas de Manguinhos, o papel da história era apenas confeitar seus bolsos retóricos ou as gloriosas biografias de seus pares defuntos. Isso mudou por força da produção do coletivo a que eu pertencço.

Os primeiros trabalhos de pesquisa que realizei na Casa de Oswaldo Cruz dizem respeito à própria instituição: participei das primeiras entrevistas com seus cientistas e técnicos, da criação do álbum fotográfico A ciência a caminho da roça e do livroinhos do sonho à vida: a ciência na belle époque, aproximando-me, cada vez mais, sobretudo com este último livro, de personagens e processos que constituíam, por assim dizer, a outra face de uma moeda intensamente lavrada em fase anterior de minha vida profissional. Migrei dos processos urbanísticos aos sanitários, sem abandonar o interesse pelos espaços e pela arquitetura. Por bom tempo, senti forte atração pela história das instituições biomédicas que tinham florescido, grosso modo, naquela mesma conjuntura histórica em que se movera Pereira Passos, e desse interesse resultou, também, Cobras, lagartos e outros bichos. Uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan. A gente, quando não anda em círculos, viaja numa espiral, e o afastamento seguinte em torno de meu ponto fixo foi a febre amarela, tema de minha tese de doutorado, de que gosto muito, apesar de suas imperfeições. Os trabalhos anteriores, não obstante requeressem a progressiva familiaridade com novo tipo de literatura e de fontes, foram fabricados com ferramentas conceituais não muito diferentes daqueles empregadas à época de Pereira Passos e da história do Rio de Janeiro. Permanecia a ênfase em processos econômicos, políticos e sociais mais abrangentes para dar sentido às trajetórias das instituições biomédicas, mas a natureza dos trabalhos que seus integrantes desenvolviam, sobretudo no terreno da pesquisa, continuava difícil de penetrar. Minhas histórias eram de cunho mais ‘externalista’, para usar uma oposição em voga na época. Em Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil, acho que consegui superar esta dicotomia, assenhoreando-me dos problemas que meus personagens procuravam resolver, das soluções que deram a estes problemas, sem perder de vista o econômico, o político e o social, sobretudo na refletir sobre as implicações práticas das soluções dadas. A atenção às controvérsias científicas, valorizadas por Bruno Latour e outros modernos sociólogos da ciência, mostrou-se de grande valia para resolver a contradição entre ‘interno’ e ‘externo’. Claro que ajudou muito a familiaridade a duras penas adquirida com a linguagem dos bacteriologistas, médicos e sanitaristas — e esta é, a meu ver, uma condição sine qua non para o exercício objetivo da história das ciências: a sincera vontade e a curiosidade de aprender o idioma que falam os personagens que são o ‘objeto’ de nosso trabalho historiográfico.

Repetindo, em certa medida, a trajetória da instituição criada por Oswaldo Cruz, a Casa que leva seu nome foi, por bom tempo, um cadinho de iniciativas voltadas para o desbravamento da pesquisa, da recuperação do patrimônio arquitetônico, da criação de acervos documentais, atividades museológicas e produtos editoriais. Todos os que então ali trabalhavam faziam um pouco de tudo, e isso, para mim, foi uma experiência muito enriquecedora, que me levou a amadurecer diversas habilidades desenvolvidas anteriormente de forma descontínua. Com o tempo, a Casa foi se ‘departamentalizando’ e os papéis especializaram-se, e as hierarquias e compartimentos sedimentaram-se, e assim patamar de muito maior maturidade institucional, que, no entanto, traz consigo seqüelas que os mais cínicos dizem ser inevitáveis em ambientes acadêmicos, e os mais céticos, inerentes à natureza humana.

No começo, éramos um corpo estranho na Fundação Oswaldo Cruz. Para ser fiel ao vocabulário do lugar, diria que éramos como ‘antígenos’ e despertávamos fortes reações imunológicas em boa parte daquele corpo que eu usurpava de espaços e verbas escassos. Para os cientistas de Manguinhos, o papel da história era apenas confeitar seus bolsos retóricos ou as gloriosas biografias de seus pares defuntos. Isso mudou por força da produção do coletivo a que eu pertencço.

Os primeiros trabalhos de pesquisa que realizei na Casa de Oswaldo Cruz dizem respeito à própria instituição: participei das primeiras entrevistas com seus cientistas e técnicos, da criação do álbum fotográfico A ciência a caminho da roça e do livroinhos do sonho à vida: a ciência na belle époque, aproximando-me, cada vez mais, sobretudo com este último livro, de personagens e processos que constituíam, por assim dizer, a outra face de uma moeda intensamente lavrada em fase anterior de minha vida profissional. Migrei dos processos urbanísticos aos sanitários, sem abandonar o interesse pelos espaços e pela arquitetura. Por bom tempo, senti forte atração pela história das instituições biomédicas que tinham florescido, grosso modo, naquela mesma conjuntura histórica em que se movera Pereira Passos, e desse interesse resultou, também, Cobras, lagartos e outros bichos. Uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan. A gente, quando não anda em círculos, viaja numa espiral, e o afastamento seguinte em torno de meu ponto fixo foi a febre amarela, tema de minha tese de doutorado, de que gosto muito, apesar de suas imperfeições. Os trabalhos anteriores, não obstante requeressem a progressiva familiaridade com novo tipo de literatura e de fontes, foram fabricados com ferramentas conceituais não muito diferentes daqueles empregadas à época de Pereira Passos e da história do Rio de Janeiro. Permanecia a ênfase em processos econômicos, políticos e sociais mais abrangentes para dar sentido às trajetórias das instituições biomédicas, mas a natureza dos trabalhos que seus integrantes desenvolviam, sobretudo no terreno da pesquisa, continuava difícil de penetrar. Minhas histórias eram de cunho mais ‘externalista’, para usar uma oposição em voga na época. Em Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil, acho que consegui superar esta dicotomia, assenhoreando-me dos problemas que meus personagens procuravam resolver, das soluções que deram a estes problemas, sem perder de vista o econômico, o político e o social, sobretudo na refletir sobre as implicações práticas das soluções dadas. A atenção às controvérsias científicas, valorizadas por Bruno Latour e outros modernos sociólogos da ciência, mostrou-se de grande valia para resolver a contradição entre ‘interno’ e ‘externo’. Claro que ajudou muito a familiaridade a duras penas adquirida com a linguagem dos bacteriologistas, médicos e sanitaristas — e esta é, a meu ver, uma condição sine qua non para o exercício objetivo da história das ciências: a sincera vontade e a curiosidade de aprender o idioma que falam os personagens que são o ‘objeto’ de nosso trabalho historiográfico.

Repetindo, em certa medida, a trajetória da instituição criada por Oswaldo Cruz, a Casa que leva seu nome foi, por bom tempo, um cadinho de iniciativas voltadas para o desbravamento da pesquisa, da recuperação do patrimônio arquitetônico, da criação de acervos documentais, atividades museológicas e produtos editoriais. Todos os que então ali trabalhavam faziam um pouco de tudo, e isso, para mim, foi uma experiência muito enriquecedora, que me levou a amadurecer diversas habilidades desenvolvidas anteriormente de forma descontínua. Com o tempo, a Casa foi se ‘departamentalizando’ e os papéis especializaram-se, e as hierarquias e compartimentos sedimentaram-se, e assim patamar de muito maior maturidade institucional, que, no entanto, traz consigo seqüelas que os mais cínicos dizem ser inevitáveis em ambientes acadêmicos, e os mais céticos, inerentes à natureza humana.

Uma constelação igualmente feliz me beneficia no âmbito da segunda atividade mais importante que realizei, já há bom tempo, na Casa de Oswaldo Cruz: a edição de História, Ciências, Saúde — Manguinhos. Somos quatro suando ali na cozinha de onde saem centenas de páginas por ano — Ruth, Isnar, Roberta e eu — e os quatro nos damos maravilhosamente bem. Hesito em incluir Vitor, o menino inteligente recém-recrutado como bolsista para administrar nossos papéis-ótimos, porque esta é uma função que vem e seguirá sendo preenchida por companheiros de viagem, em seus horários (como Vitor), às vezes sofríveis.

Sinceramente não sei se sou um bom historiador. Não é falsa modestia não. Ainda miro de longe os meus modelos, vivos ou mortos, com a sensação de que nunca vou alcançá-los. Mas eu posso afirmar com segurança que sou um bom profissional de texto. Olho de igual para igual qualquer um nesse terreno, e isso advém de uma longa prática, que começou com a edição de um jornal à época em que eu era secretarista — chamava-se A Voz —; prosseguiu com a experiência fabulosa de trabalho, por quase um ano, em Diário de Notícias, tão absorvente que tranquei a Faculdade; depois anos de trabalho como tradutor, copidesque e redator, e impulso irrefreável para ler romances, o tempo todo, deram-me vocabulário, muita segurança para trabalhar com texto e muita facilidade para tecer minhas narrativas. Concatenar fatos — é isso que sei fazer bem. Sou um ótimo costureiro de episódios e personagens. Tenho o defeito de escrever novelas muito longas e a obsessão pelos detalhes. Se pudesse escolher, se tivesse a imaginação necessária, queria ser escritor de histórias policiais e de romances históricos”.

[voltar]

